

O Desafio de Atendimento a Mulheres com Transtorno de Ansiedade Fóbica relacionado ao Parto no Brasil

Ana Paula Silva Borgomoni, Lucy de Souza Facioli, Maria Fernanda Toffoli Castilho,
Patricia Cristina Vasques de Souza Gorisch

Universidade Santa Cecília (UNISANTA), Santos-SP, Brasil

E-mail: anapaulasilvaborgomoni@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o transtorno de ansiedade fóbica relacionado ao parto, denominado partofobia ou tocofobia, como fenômeno mundial, caracterizado pelo medo patológico ou evitação do parto e acomete população feminina, influenciando negativamente a vida da gestante e do feto. Apesar de prevalência mundial, é negligenciada pelos serviços de atendimento gestante. Portanto, é possível constatar, que é preciso a união de esforços, com o objetivo de oferecer políticas públicas de atendimento a mulher antes da gravidez e desde o pré-natal, formação profissional adequada e especializada da equipe multidisciplinar para diminuir o medo e as consequências negativas a gestante e ao feto. Diante da ausência de dados no Brasil, pois o primeiro instrumento de validação foi publicado em 2021, estamos diante do desafio de construção de políticas públicas de atendimento adequado a mulheres acometidas pela partofobia.

Palavras-chave: Partofobia; Transtorno; Mulher; Ansiedade; Pública

The Care Challenge for Women with Childbirth-Related Phobic Anxiety Disorder in Brazil

Abstract: The present work aims to analyze the phobic anxiety disorder related to childbirth, called partophobia or tocophobia, as a worldwide phenomenon, characterized by pathological fear or avoidance of childbirth and affects the female population, negatively influencing the life of the pregnant woman and the fetus. Despite its worldwide prevalence, it is neglected by pregnant care services. Therefore, it is possible to verify that it is necessary to join efforts, with the objective of offering public policies of assistance to women before pregnancy and from prenatal care, adequate and specialized professional training of the multidisciplinary team to reduce fear and the consequences negative for the pregnant woman and the fetus. In view of the lack of data in Brazil, as the first validation instrument was published in 2021, we are facing the challenge of building public policies for adequate care for women affected by partophobia.

Keywords: Partophobia; Disorder; Woman; Anxiety; Public

Introdução

A Partofobia, é um transtorno de ansiedade do tipo fóbica, de causa multifatorial, relacionado ao medo patológico ou evitação do parto, tendo como base fatores psicológicos, sociais e biológicos, o qual traz consequências tanto para a gestante quanto para o feto. O medo relacionado ao parto, poderá se manifestar por meio de uma série de sintomas, tais como pesadelos, dificuldade de concentração no trabalho, ataques de pânico, queixas psicossomáticas

e em certas mulheres, pensamentos suicidas [1]. Há uma estimativa de 14% de prevalência da partofobia na população mundial, número que parece ter aumentado do ano 2000 em diante. Contudo, essa estimativa é limitada pela falta de consistência no diagnóstico do transtorno. Em estudo realizado na Finlândia, das 329 grávidas entrevistadas, 78% apresentaram medo relativo à gestação, ao parto ou a ambos os eventos. Outro estudo realizado na Suécia, com 139 grávidas, verificou a presença de medo severo do parto em 9% das participantes da pesquisa e 17% apresentaram medo moderado [2].

No Brasil, ainda não há informação sobre a prevalência da tocofobia na população, visto que somente no ano de 2021, publicaram o primeiro instrumento de mensuração da fobia do parto validado no país: o Questionário de Avaliação da Partofobia (QAP) [2].

Apesar de ser um tema pouco pesquisado no Brasil, o medo da dor do parto é apontado como uma das principais motivações para a escolha de uma cesárea eletiva. Um dos motivos é a ilusão de controle que a cirurgia oferece à mulher. O grande número de cesarianas realizadas no país recebeu grande atenção com os resultados da pesquisa nascer no Brasil, sendo que entre 23.894 mulheres entrevistadas em território nacional, 52% tiveram seus filhos por meio de partos cesáreos. Quando se analisou apenas o setor privado, constatou-se que 88% dos nascimentos foram por cesariana, número ainda mais preocupante, visto que cirurgias desse tipo envolvem riscos imediatos e de longo prazo. Em contrapartida, aproximadamente 70% das mulheres brasileiras desejavam um parto vaginal no início da gravidez, no entanto, poucas foram apoiadas em suas escolhas iniciais. Entretanto, mesmo com a prevalência mundial, a partofobia recebe pouca atenção, e muitas vezes é negligenciada pela rede de atenção e atendimento a gestante [1,2].

Objetivos

O presente estudo tem como objetivo analisar o fenômeno do medo patológico relacionado ao parto denominado partofobia ou tocofobia e o desafio da construção de políticas públicas de atendimento a mulher acometida por esse transtorno no Brasil.

Material e Métodos

Pesquisa bibliográfica realizada com base em artigo científico e tese de doutorado, voltados a questão da partofobia ou tocofobia.

Resultados

Apesar das complicações maiores da cesariana em comparação com o parto vaginal, como infecções pós-cirúrgicas, lesão de órgãos, hemorragia, tromboembolismo, reações

alérgicas a medicação ou anestesia, formação de tecido cicatricial e dificuldade com futuros trabalhos de parto, a taxa mundial de cesariana tem aumentado continuamente nas últimas décadas em países desenvolvidos e em desenvolvimento. No Brasil, as taxas de cesariana encontram-se em torno de 55%, enquanto os índices preconizados pela OMS (Organização Mundial de Saúde) são de 15%, entre todos os nascimentos. Mundialmente, cerca de 6,2 milhões de cesarianas desnecessárias são realizadas, com custo aproximado de 2,3 bilhões de dólares americanos, anualmente. A importância da partofobia como argumento para a cesariana a pedido tem sido reconhecida e estudada repetidamente, pois para algumas gestantes o parto vaginal é inconcebível. É possível que a identificação das gestantes com esse raciocínio possa auxiliar no esclarecimento dos fatores associados à partofobia, contribuindo para melhores estratégias de tratamento psicológico profissional, a fim de superar o medo do parto ou para aumentar a conscientização dos profissionais assistentes de que tal problema existe, evitando confrontos desnecessários [1].

Discussão

Classificação da Partofobia

A partofobia, pode ser classificada em dois tipos distintos clássicos: Medo primário do parto, que é um medo do parto que antecede a gravidez, costuma ter início na adolescência ou no início da fase adulta, podendo ter origem em diferentes fatores, como exposição indireta de experiências traumáticas ou extressoras, obtenção de informações negativas sobre o parto, situações de abuso sexual e a generalização de outros medos. Medo secundário traz a experiência pessoal, como pode estar relacionada a um parto traumático ou angustiante, como partos instrumentais ou operatórios, parto prematuro, aborto ou violência obstétrica, devido a sofrimento fetal ou dor intensa ou ruptura perineal. Podendo se manifestar durante a gravidez, sendo um risco para a mãe e para o bebê [1,2].

Fatores Associados

A partofobia pode estar associada a vários fatores, dependendo da personalidade e experiências pessoais ou familiares da mulher, mas a principal razão talvez seja o medo de sentir dor, associado a outros motivos, como o medo de perder o controle, a autonomia, não suportar física ou psicologicamente o trabalho de parto, de morrer, danos no assoalho pélvico, danos ao feto, falta de confiança na equipe de assistência obstétrica e não receber o suporte emocional suficiente, medo de hospitais, injeções, sangue, medo de intervenções médicas. As mulheres que mais comumente desenvolvem a partofobia tem idade avançada, nulíparas,

solteiras, tabagistas, desempregadas e com baixo nível educacional. O histórico pregresso também exerce grande importância no desenvolvimento do medo exacerbado do parto, como experiências negativas em partos anteriores, cesariana emergencial prévia, mulheres com ansiedade geral ou depressão, mulheres com baixa autoestima, insatisfação com o relacionamento, falta de suporte emocional, história de abuso sexual ou ainda, longo período de infertilidade [1].

Complicações

Tem sido demonstrado que o medo patológico do parto, apresenta impacto significativo em seu resultado, ocasionando em aumento dramático de partos realizados por cesariana não indicada pela obstetrícia, ou seja, a cesariana a pedido. A partofobia pode levar a uma influência negativa na vida diária das mulheres, hiperemese gravídica, abortamento, prolongamento da gestação e do trabalho de parto e aumento do risco de cesarianas de emergência, podendo ocasionar ainda, baixa satisfação com o cuidado assistencial e acréscimo da opção por contracepção definitiva [1].

Emocionalmente, poderá ocorrer atraso no vínculo a ser estabelecido entre a mãe e a criança, influenciando inclusive na dificuldade em amamentar, aumento no risco de depressão pós-parto e estresse pós-traumático, devido à sobrecarga emocional as quais as gestantes estão sujeitas, com impacto direto sobre sua saúde mental [1].

Em relação ao feto, a partofobia também poderá causar repercussões, sendo relatada a restrição do crescimento intrauterino, baixo peso ao nascer, parto prematuro, malformações congênitas e hipóxia fetal, tendo sido identificado efeito negativo sobre os parâmetros da vascularização uteroplacentária ou fetoplacentária e a longo prazo dificuldades cognitivas na infância [1].

Abordagem Terapêutica

Os aspectos cognitivos e emocionais são relevantes para o medo patológico relacionado ao parto, e as características intrapessoais, aquelas relacionadas a si mesmo, são dominantes em comparação às características interpessoais, aquelas relacionadas a interação com as demais pessoas. Recomenda-se que equipes multidisciplinares em serviços de atendimento obstétrico, atendam mulheres em risco de partofobia, antes mesmo de considerar a gravidez, com o objetivo de auxiliá-las a lidar com as dificuldades que lhes serão impostas, durante o processo gestacional. Porém, caso a partofobia esteja instalada, tem sido utilizada a estratégia de abordagem de mulheres durante a gravidez por meio de terapia de grupo psicoeducacional ou

terapia individual, adaptada às necessidades específicas de cada gestante, como objetivo de tentar reduzir a prevalência desse fenômeno. Podem, ainda serem utilizadas estratégias de condutas facilitadoras do processo terapêutico, como aconselhamento, técnicas de relaxamento, visita ao local onde o parto será realizado. O processo educacional, por meio de troca de experiências entre os profissionais de saúde e a gestante, favorece o aprendizado, fornecendo informações científicas sobre o período gestacional, o que pode contribuir para amenização do medo e da ansiedade, sendo ideal o acompanhamento desde o pré-natal [1].

Conclusões

Compreender e enfrentar a partofobia no Brasil, requer um esforço concentrado de todos os setores envolvidos nos cuidados maternos, incluindo políticas públicas apropriadas e melhor formação de profissionais. Nos países desenvolvidos, a partofobia clinicamente comprovada e mantida é considerada como justificativa para uma cesariana planejada. No Brasil, o Ministério da Saúde, recomenda apoio profissional multidisciplinar para a mulher gestante com partofobia, desde o pré-natal. Se, após aconselhamento e apoio a gestante mantiver a intenção de cesariana, o parto vaginal não é mais recomendado. Portanto, a mulher identificada com partofobia, deverá ser encaminhada para psicoterapia e especialistas, com o objetivo de reduzir o medo e os efeitos negativos sobre o feto e sobre si mesma, fornecendo um tratamento eficaz e humanizado.

Desta forma, um dos desafios é a construção de políticas públicas de atendimento a mulheres acometidas pela partofobia, pois ainda não há a existência de dados, visto que somente em 2021, publicaram o primeiro instrumento de mensuração da fobia do parto validado no país.

Agradecimentos

As autoras Ana Paula Silva Borgomoni, Lucy de Souza Facioli, Maria Fernanda Toffoli Castilho gostariam de agradecer o apoio dado pela Agência de Fomento CAPES.

Referências

1. Nunes, R. D.. **Partofobia em gestantes no contexto sociocultural e clínico-obstétrico da população brasileira.** Palhoça, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/15173>. Acesso em 24/08/2023.
2. Nunes, L. R. de C., Coutinho, F. C., Santos, V. A. dos., **Medo do parto: Uma revisão das intervenções baseadas na Terapia Cognitivo-Comportamental.** Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://fi-admin.bvsalud.org/document/view/jesjj>. Acesso em 25/08/2023.